

REDAÇÃO

COM
**FERNANDA
PESSOA**

Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulier Vénus, estimada como esculpida entre 28 000 e 25 000 anos antes do presente, foi descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Knoll, enquanto trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szombathy, numa caverna situada no povoado de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em calcário de origem local, e colorido com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2013, os investigadores examinaram através de tomografia computadorizada as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos poros e comparando-as com aglomerados de depósitos encontrados em vários locais da Europa: de acordo com o estudo, amostras de calcário de Saga de Alentejo são "virtualmente indistinguíveis" do calcário de Willendorf, a matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus poros são semelhantes aos da Vénus, que continha fragmentos de minúsculos fósseis pertencendo ao género *Oxytomidae*. Esta presença de fósseis há 200 mil anos, quando o género agora extinto estava presente, sugere que a Vénus continha igualmente fragmentos bivalves? Em 1990, após uma revisão da análise e datação, concluiu-se que a Vénus teria sido esculpida há 22 000 ou 24 000 anos antes do presente, com um significado cultural. A Vénus não apresenta traços de rosto ou membros feminina. A vulva, seios e barriga são os únicos detalhes. A relação com a fertilidade é uma relação forte com o conceito da fertilidade. A Vénus tem os braços dobrados sobre os seios e não têm um tipo de tranças, um tipo de penteado ou mesura. O apelido com que ficou conhecida causa alguma polémica, pois não conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Sweet Briar College, criticou a identificação irónica destas figuras com Vénus, satisfazendo a curiosidade da época, sobre o que era na época em que o mundo era criado.



**CARNAVAL - DESCANSAR,
BRINCAR E PENSAR**



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

“História para ninar gente grande”

Enredo da Mangueira para o Carnaval de 2019 do Rio de Janeiro.

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde- e- rosa as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
Tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Composição: Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola
/ Ronie Oliveira / Tomaz Miranda.

A agência Saiba Mais se debruçou sobre os 25 versos compostos por Manuela Oiticica (Manu da Cuíca), Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Danilo Firmino, Ronie Oliveira, Márcio Bola e Sílvio Mama. Entre fatos históricos e interpretações livres, eis o resultado:

História pra ninar gente grande, verso a verso:

Mangueira, tira a poeira dos porões

O samba já abre com força. Logo no primeiro verso há uma clara referência aos porões dos navios negreiros que traziam negros escravizados da África para o Brasil, último país da América Latina a abolir a escravidão, em 1888, após muita pressão popular.

Ô, abre alas pros teus heróis de barracões

É o samba exaltando os heróis das comunidades, a periferia. Os moradores e moradoras das favelas que vão a pé, que pegam três ou quatro ônibus por dia, que vão de trem para o trabalho, homens e mulheres que enfrentam o dia-a-dia pra levar o pão de cada dia para casa. A letra vai além das trincheiras das escolas de samba. Os barracões, ressignificados, são as ocas de palha, as casas de taipa, com teto de zinco, madeira ou alvenaria erguidas nas favelas.

Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões

Lecis e Jamelões são duas referências da Estação Primeira de Mangueira: Lecis, na letra, é uma homenagem à sambista Leci Brandão, primeira mulher a integrar a ala de compositores da Mangueira e representa todas as mulheres negras do Brasil. Já o intérprete Jamelão (ele odiava ser chamado de puxador de samba) está eternizado como uma das maiores vozes que já ecoaram (e desfilarão) pela Marquês de Sapucaí. “Lecis e Jamelões” são os homens e mulheres do país “que não tá no retrato”.

São verde e rosa, as multidões

Exaltação à massa, ao público, a minoria social que é imensa maioria em quantidade e afeto verde e rosa.

Brasil, meu nego

Verso simples, mas de uma força e sensibilidade enormes. Meu nego é afeto, carinho. É o Brasil no colo, recostado no peito do povo. Ao usar o vocativo “meu nego”, para “conversar” com o Brasil, o verso demonstra afeto e intimidade com a essência do País.

Deixa eu te contar

Intimidade e autoridade. É algo como “ouve o que eu tenho pra lhe falar, meu nego”.

A história que a história não conta

Esse verso é a chave do samba campeão da Mangueira. O que está escrito na avenida é, na verdade, o que não está escrito em nenhum livro da história oficial. Os heróis de fato estão nos barracões das comunidades, das favelas, nas tribos de índios, e não nas fotografias dos livros editados pelos vencedores.

O avesso do mesmo lugar

Um dos versos mais lindos do samba. Com uma frase, a Mangueira ensina para o mundo que, no mesmo Brasil, não existe uma única versão da história. E deixa claro que a versão contada na Sapucaí em 2019 é o contrário, o avesso da narrativa contada até agora.

Na luta é que a gente se encontra

É o verso que une. Une a militância, une os trabalhadores, une as minorias representadas pelas comunidades: pelas LGBTQs, pelas mulheres, pelos negros e negras, pelas pessoas com deficiência, enfim, pelos excluídos, pelos marginais. Há uma esquina no Brasil onde se encontra toda essa gente. Uma esquina chamada luta.

INDÍOS, NEGROS E POBRES

Brasil, meu dengo, a Mangueira chegou

É carinho, é ternura, é afeto, é cafuné. É a Mangueira chegando na avenida para contar que a história que a história não conta vem do povo e é o povo quem tem autoridade para contar.

Com os versos que o livro apagou

É a Mangueira fazendo uma denúncia ao mundo: o Brasil de verdade foi apagado pelos livros oficiais de história. É a história por trás da história.

Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento

Verso síntese do samba. O Brasil não foi descoberto, foi invadido. Invadiram a casa do povo que aqui morava. E desde então, a terra dos índios virou um festival de invasões dos grandes proprietários de terra, dos latifundiários. A versão do descobrimento é, na verdade, a grande mentira do Brasil.

Tem sangue retinto pisado

Lugar de fala dos oprimidos. É uma homenagem às revoltas populares, desde a resistência indígena à ocupação portuguesa. É a exaltação ao herói Cunhambebe, líder dos índios tamoios que resistiram à invasão de Portugal; à Maria Felipe, negra que lutou pela Independência da Bahia; e a Chico da Matilde, jangadeiro que comandou o movimento que pôs fim à escravidão no Ceará quatro anos antes da Lei Áurea.

Atrás do herói emoldurado

Mais uma referência à história oficial que fabrica e emoldura seus heróis, a exemplo de Duque de Caxias, Dom Pedro I e a princesa Isabel. É a Mangueira retirando os quadros oficiais da parede para contar a história do Brasil.

Mulheres, tamoios, mulatos

Os verdadeiros heróis do Brasil que lutaram e lutam até hoje pelo país. As mulheres, os índios tamoios, os negros mulatos, o povo pobre brasileiro.

Eu quero um país que não está no retrato

Mais que um pedido, o verso traz uma reivindicação: “Devolvam o nosso país”, grita a Mangueira.

Brasil, o teu nome é Dandara

Dandara foi heroína negra e rebelde que se juntou a um grupo de negros escravos e desafiou o sistema colonial escravista por quase um século. Para a história oficial machista, ficou como a mulher de Zumbi de Palmeiras, mas o samba da Mangueira devolve à Dandara o protagonismo que ela conquistou. Mas no enredo também cabe a Dandara travesti, linchada e morta em 2017 a pedradas em Fortaleza, no Ceará. Na luta, as duas Dandaras se encontraram na Sapucaí quatro séculos depois.

E a tua cara é de cariri

Referência à Confederação dos Cariris, revolta indígena que enfrentou a dominação portuguesa no Nordeste, entre 1683 e 1713. O estopim do movimento foi a oposição dos índios da nação Kiriri à presença e ocupação dos portugueses em suas terras. Os indígenas também eram contrários à ação de portugueses que escravizavam índios e os vendiam como mercadoria.

Não veio do céu

De simples esse verso não tem nada. É de uma importância descomunal para o samba e para a história do povo brasileiro. Sabe aquele bordão: “quer que eu desenhe?”. Pois é, tudo para dizer que a história do Brasil, aquela que a história oficial não conta, foi escrita com muita luta, à custa de, como diz o próprio samba, muito “sangue retinto pisado”.

Nem das mãos de Isabel

Entre tantos versos significativos do samba que conta o enredo “História pra ninar gente grande”, esse talvez seja o mais simbólico porque

descontró o mito de que a princesa Isabel assinou a lei áurea por vontade própria, como se fizesse um favor aos negros escravizados. Mais uma vez a Mangureira reconta a história quando canta que a abolição não veio do céu e muito menos das mãos de Isabel. A lei, frágil, só foi assinada depois de muita pressão dos abolicionistas e dos escravos. A escravidão ainda segue tão presente no Brasil que nos últimos dois anos 1.122 trabalhadores foram libertados em condições análogas à escravidão, sendo que 153 vinham sendo impedidos de deixar os locais onde trabalhavam.

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Francisco José do Nascimento era filho de Matilde Maria da Conceição e, como é comum no Nordeste, era chamado de Chico da Matilde. Jangadeiro, convivia em Aracati com pescadores e cresceu como espectador do tráfico negreiro no Ceará, primeiro estado onde a escravidão foi abolida, quatro anos antes da lei áurea de Isabel. Chico da Matilde foi um dos líderes do movimento abolicionista e de resistência popular no Ceará. A província do Ceará aboliu a escravidão em 1884 e virou referência nacional. Em razão do pioneirismo, aquele grupo de abolicionistas cearenses, entre eles o líder Chico da Matilde, é convidado ao Rio de Janeiro para conversar com outros abolicionistas sobre a experiência. É nesse encontro que ele recebe o nome de Dragão do Mar. Foi a história do abolicionista nordestino que tem sinônimo de liberdade que a Mangureira levou para a Sapucaí.

Salve os caboclos de julho

Os caboclos de julho representam os soldados esfarrapados, os batalhões de índios usando armas tribais, de negros escravos e libertos, os sertanejos, a população voluntária que se organizou por conta própria em grupos para lutar, e que formaram maior contingente das tropas na luta pela independência da Bahia. O exército popular na província da Bahia foi derrotado pelas tropas portuguesas em 2 de julho de 1824, daí o nome “caboclos de julho”.

Quem foi de aço nos anos de chumbo

Referência aos militantes de esquerda torturados e centenas até hoje desaparecidos que morreram nos porões da ditadura militar. Heróis de aço que deram a vida pela democracia e pelo Brasil.

Brasil, chegou a vez

É a Mangureira fazendo um chamado, mandando um aviso: é hora de um encontro com a história. Uma história contada por personagens que construíram o verdadeiro Brasil.

De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

É hora de ouvir as mulheres que lutaram e lutam diariamente por outro Brasil.

É hora de ouvir Luiza Mahin, personagem histórica na luta contra a escravidão e uma das heroínas da revolta dos Malês, em Salvador.

É hora de ouvir Marielles, mulher, negra, LGBT, feminista e vereadora do Rio de Janeiro executada com tiros na cabeça em 14 de março de 2018.

É hora de ouvir os malês, negros muçulmanos protagonistas de uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica, em janeiro de 1835. Nessa época, a cidade de Salvador tinha cerca de metade de sua população composta por negros escravos ou libertos, das mais variadas culturas e procedências africanas. A rebelião ficou conhecido como a revolta dos malês.

Em resumo: é hora de ouvir quem escreveu, a suor e sangue, a verdadeira história do Brasil.



“Brava Gente! O grito dos excluídos no Bicentenário da Independência”

Enredo da Beija-Flor para o Carnaval de 2023 do Rio de Janeiro.

A revolução começa agora
Onde o povo fez história
E a escola não contou
Marco dos heróis e heroínas
Das batalhas genuínas
Do desquite do invasor
Naquele dois de julho, o sol do triunfar
E os filhos desse chão a guerrear
O sangue do orgulho retinto e servil
Avermelhava as terras do Brasil

Eh! Vim cobrar igualdade, quero liberdade de expressão
É a rua pela vida, é a vida do irmão
Baixada em ato de rebelião

Desfila o chumbo da autocracia
A demagogia em setembro a marchar
Aos “renegados” barriga vazia
Progresso agracia quem tem pra bancar
Ordem é o mito do descaso
Que desconheço desde os tempos de Cabral
A lida, um canto, o direito
Por aqui o preconceito tem conceito estrutural
Pela mátria soberana, eis o povo no poder
São Marias e Joanas, os brasis que eu quero ter

Deixa Nilópolis cantar!
Pela nossa independência, por cultura popular

Ô abram alas ao cordão dos excluídos
Que vão à luta e matam seus dragões
Além dos carnavais, o samba é que me faz
Subversivo Beija-flor das multidões

CONVOCAÇÃO

Por uma questão de ordem no que se diz respeito às memórias que este país constrói: VAMOS NOS UNIR, BRAVA GENTE!

Esta é uma convocação aos sobreviventes deste país que não nos reconhece. Um país que ignora nossas existências. Um país que comemora 200 anos da marginalização da sua própria gente. Seremos a voz do desejo de uma nação inteira: independência e vida!

O Estado brasileiro foi erguido sobre um conjunto de mitos e símbolos que justificam as violências que ainda hoje são implementadas contra nós. Não é por acaso o apagamento do verdadeiro protagonista da história nacional: o povo brasileiro. Esta é a brava gente que está ausente dos atos cívicos que celebram nossos mitos fundadores. Excluídos.

Se as pautas fundamentais para uma nação soberana, independente e justa são trabalho digno, moradia, alimentação, participação popular, igualdade de direitos e liberdade plena, a grande pergunta é: este é o Brasil em que vivemos?

Propomos, então, um novo marco para a Independência Nacional: O dia em que o povo venceu, o 2 de Julho. O triunfo popular de 1823 é muito mais sobre nós e sobre nossas disputas. O Dia da Independência que queremos é comemorado ao som dos batuques de caboclo, cantando que até o sol é brasileiro. Precisamos festejar os marcos populares em festas que tenham cheiro, cor e sabor de brasilidade, reconhecendo o protagonismo feminino e afro-ameríndio. Somos aqueles e aquelas que, excluídos dos espaços de poder, ousam ter esperança no amanhã. O Brasil precisa reconhecer os muitos Brasis e suas verdadeiras batalhas.

É a partir desta data que provocamos uma nova comemoração da independência do Brasil. A independência do povo para o povo. Faremos, então, um grande ato cívico em louvação aos 200 anos de luta dos brasileiros, herança dos heróis e heroínas que forjam dia a dia, através de suas batalhas, uma nação verdadeiramente livre e soberana.

Reivindicamos e nos orgulhamos das lutas históricas e sociais daqueles que nos precederam nesta incansável batalha pela cidadania.

Juntem-se e vistam suas fantasias, pois será um grande carnaval quando em praça pública declararmos nossa própria independência. NÓS, O POVO! Juntando tudo e todos. O novo Brasil ditará as ordens a partir da folia. Alegria e manifestação! Nossa bandeira será um grande mosaico do que somos de verdade, feita a partir do retalho do que cada um tem a oferecer daquilo que lhe representa.

A cultura é o nosso poder, e, é através dela que lutamos pela transformação social, colocando o povo no pedestal

que lhe é de direito. Por isso fazemos carnaval, é a nossa missão, sempre construindo o país que acreditamos, e lutando para que ele seja um dia, realidade.

O grito será por justiça e liberdade, igualdade sem neurose e sem caô.

Nilópolis, 02/07/2023. Dia dos 199 anos da Independência do nosso Brasil

Beija-Flor de Nilópolis irá apresentar no carnaval de 2023 o enredo "BRAVA GENTE! O GRITO DOS EXCLUÍDOS NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA".

O bicentenário da Independência é um momento propício para um debate profundo acerca dos rumos e do próprio sentido do país. O carnaval carioca, alegria e manifestação, não poderia ficar de fora desta ampla discussão. A festa consolidou-se como um espaço privilegiado para reflexão e a disputa de questões de importância fundamental em um espetáculo artístico de inegável dimensão política e caráter pedagógico.

Através do seu desfile, um ato cívico, nós propomos que a independência é um processo, defendemos um novo marco para a emancipação política brasileira, destacando o protagonismo popular enquanto denunciemos o caráter autoritário, tutelar, excludente e desigual do Estado, desde sua gênese até a atualidade.

Ao invés de celebrar ritualisticamente o mito fundador da pátria – o grito do Ipiranga no 7 de setembro, argumentamos em favor de um novo marco, capaz de oferecer um sentido que consideramos mais próximo da verdade histórica de uma independência que foi conquistada; não proclamada. Este marco é o 2 de julho de 1823, data da vitória das tropas brasileiras na consagração instalada na Bahia.

Ao mesmo tempo, iremos rememorar esses duzentos anos a partir da perspectiva das camadas populares apontando as mazelas, contradições e limites da construção nacional. Heroico é o povo que constrói a sua própria autonomia através da luta. Esta é a nossa história: nada nos foi dado; cada um dos nossos avanços foi obtido pelos nossos próprios esforços.

Se o Estado brasileiro se ergueu como um instrumento para



conservação de uma ordem patriarcal, escravocrata e latifundiária, o povo brasileiro, mesmo aliado dos espaços institucionais, insiste em disputar no Brasil sem temer nem a luta, nem a morte. Este enredo é um grito que ecoa do Brasil profundo e se faz ouvir aos quatro cantos. Das aldeias, guetos, terreiros e favelas um brado em uníssono se faz clamor: independência e vida!

Este é o nosso grito.

O dia em que o povo ganhou: vitória patriótica de dois de julho

No processo de elaboração da memória nacional, o dia 7 de setembro de 1822 foi forjado como o grande marco da nossa independência. O grito do Ipiranga seria o decisivo ato heroico do príncipe regente para a emancipação política do Brasil. A invenção do sete de setembro cumpriu o papel de mito fundador do Estado brasileiro. Este mito celebra uma ideia de independência pacífica, fruto do heroísmo do futuro imperador e de arranjos da elite. O que ele esconde é que houve guerra e muito sangue foi derramado neste processo.

As guerras da independência evidenciam a diversidade de ideias, concepções e projetos, os conflitos e tensões sociais e políticas constitutivos daquele cenário histórico. O esquecimento sobre estas guerras não é gratuito; muito pelo contrário, é o resultado de uma construção da história que considera a emancipação política do Brasil um “desquite amigável” em relação a Portugal.

Em províncias como Ceará, Cisplatina, Maranhão, Pará e Piauí houveram confrontos bélicos em episódios decisivos para que a causa nacional triunfasse. Porém foi na província da Bahia que se instalou a guerra que tomaremos como marco. Durante um ano e quatro meses, o destino da nação brasileira teve este território como palco privilegiado. O confronto na província foi central no processo de ruptura que garantiu a soberania nacional.

Até que em 2 de julho de 1823 até o sol foi brasileiro. O dia em que o povo ganhou. Esta data marca a vitória libertadora com a expulsão dos portugueses e, desde então, é celebrada com uma grande festa que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade. Uma algazarra pública, que tem nas figuras do caboclo e da cabocla símbolos da liberdade. Esta festividade celebra e louva a ampla participação popular, sobretudo de indígenas e negros, na luta pela emancipação ante a tirania e o jugo colonial. O papel de destaque de muitas mulheres, como Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Filipa, verdadeiras heroínas da pátria, acentua o protagonismo feminino que se contrapõe a uma escrita da história centrada no paradigma da masculinidade.

É este marco que celebramos como data da nossa independência: a vitória patriótica do 2 de julho e o protagonismo popular, notadamente afro-ameríndio e feminino.

A conservação da ordem e a permanência das lutas populares

Após a independência oficial, não tardou para que o povo brasileiro percebesse que o projeto de construção nacional não pretendia alterar a organização social: a escravidão, o latifúndio e a monarquia seriam os pilares do Império. O grande temor das oligarquias era de que os ventos revolucionários do Haiti provocassem uma onda emancipatória e inspirasse negros e negras brasileiros em uma insurreição. O medo branco de uma grande rebelião negra era o principal fator de agregação dos diversos setores de uma elite fortemente dividida entre oligarquias regionais.

O Império nasce como um Estado forte e centralizador.

A dissolução da Assembleia Constituinte e a repressão brutal a dissidências como a Confederação do Equador, que defendia um modelo federalista, não deixavam dúvidas sobre este caráter. A unidade territorial foi mantida através da forte repressão aos movimentos emancipatórios e separatistas. O sentido do Estado é a conservação.



Por sua vez, o povo brasileiro permaneceu em luta. Construiu redes de proteção comunitária e fortalecimento coletivo, organizou um conjunto de movimentos contestatórios que almejam a conquista de direitos como os malês, cabanos e balaios. Se a independência não alterou a estrutura social e não promoveu mudanças para aqueles que dispuseram de suas vidas para conquistá-la, eclodiram movimentos, revoltas, rebeliões, motins e insurreições por toda extensão do Império. Se a ordem é injusta, a desobediência civil é a resposta.

Em cada um destes levantes e movimentos populares, havia um acúmulo de forças e crescia a consciência crítica e histórica. É impossível desvincular o movimento abolicionista que construiu e solidificou a liberdade, das muitas revoltas de escravizados que se proliferaram de norte a sul. Assim como as nações indígenas, originárias e verdadeiras donas desta terra, que seguiram mobilizadas nos enfrentamentos necessários para a manutenção da sua própria existência, a conservação dos seus saberes e práticas.

As fantasias republicanas e as batalhas pela cidadania

Provando que no Brasil as ideias estão sempre fora de lugar, a República já nasceu velha. Da espada, oligárquica, dos coronéis e barões, do café com leite, dos ideais eugenistas e com um lema que poderia estampar nossa bandeira: autoritarismo e desigualdade. Restringindo a cidadania a pouquíssimos, discriminando por raça, credo, gênero e orientação sexual.

Brutalmente violento, o Brasil é descrito por seus intérpretes/inventores como um país pacífico e harmônico, destinado à glória no porvir enquanto, no presente, seus filhos e filhas morrem de fome. Excluídos, à margem. O tal “país do futuro” foi eficaz em construir uma imagem de si que mascara sua verdadeira face.

A democracia, entre nós, sempre foi um terrível mal-entendido. E é curioso constatar que foi pretensamente com a intenção de defendê-la que corriqueiramente a golpearam.

Os grandes agentes civilizatórios deste país são os brasileiros e brasileiras que, em movimentos organizados, são os mais fiéis defensores da democracia. Se a intenção manifesta era conferir uma cidadania limitada, inconclusa e tutelar, nós não aceitamos e conquistamos mais espaços de participação através de diferentes táticas e estratégias.

Denunciando o genocídio da juventude negra, o feminicídio, a violência contra a população LGBTQIA+ e o racismo religioso, a brava gente brasileira segue ocupando as ruas afirmando sua existência, pleiteando reconhecimento e

disputando o hoje. Nós não admitimos a tese absurda de um marco que limite no tempo a posse da terra de quem é seu único e verdadeiro dono.

Manifestamos nossos desejos e expressamos nossas necessidades em pautas, causas e questões incontornáveis como a reforma agrária, os direitos trabalhistas e a urgente promoção da igualdade racial.

Em um país majoritariamente negro e feminino, as mulheres negras são a base de sustentação material e, somente a partir delas, poderemos, efetivamente, se constituir em um país outro, uma mátria de muitos brasis. Plural, diversa, inclusiva e igualitária.

Alegria e manifestação

O desfile da Beija-Flor de Nilópolis será um grande ato cívico pela construção de um Brasil livre, soberano e verdadeiramente independente. Este Brasil livre, soberano e independente ainda é um sonho, mas, por este sonho, a brava gente brasileira segue derramando sangue e suor em busca de dignidade e autonomia.

Nosso ato será festivo e multicolorido.

Nossa singularidade é produto da pluralidade das muitas nações brasileiras. Esta pluralidade manifesta compreensões e conhecimentos, formas de ser, sentir e pensar que alargam as possibilidades de existência. Os muitos anseios e desejos de um Brasil melhor se exprimem justamente na riqueza da nossa arte e cultura. São expressões de uma brasilidade que emana desta gente que, permanentemente em luta, também produz beleza e encantamento.

Cultuamos e preservamos nossa ancestralidade e os saberes tradicionais resistindo a toda sanha de domesticação dos corpos e aniquilação da diversidade de práticas, costumes e experiências.

Fazemos festa porque esta é, também, manifestação política e na festa carnavalesca gritamos que outros Brasis são possíveis.

Autores do Enredo: André Rodrigues e Mauro Cordeiro

REFERÊNCIAS

<https://saibamais.jor.br/2019/03/historia-pra-ninar-gente-grande-a-mangueira-em-verso-e-prosa/>



Estamos juntos nessa!



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.